



Memória, identidade e comensalidade: a feijoada da família portelense

Memory, identity and comensality: the feijoada of the portelense family

Ronald Clay dos Santos Ericeira

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Brasil

Resumo

Analisa-se o agenciamento da memória coletiva e os processos de reconstrução e representação do passado de uma das principais escolas de samba do Rio de Janeiro – a Portela – por meio de um rito comensal: a feijoada da família portelense. Esta é promovida regularmente por representantes da ala de compositores dessa escola de samba. Examinam-se diversos aspectos que singularizam este evento de comensalidade: seu sistema culinário, seu modo de organização, seus conteúdos afetivos, os processos de identificação e de corporalidade lá produzidos. Os procedimentos de coletas de dados foram: revisão bibliográfica, entrevistas semiestruturadas e etnografia. No que tange aos resultados, infere-se que o processo de construção da identidade portelense é uma marca social de distinção cujos principais esteios são: memória do passado da agremiação, considerado cheio de glórias e vitórias e o compartilhamento de práticas ditas tradicionais como rodas de sambas e feijoadas.

Palavras-chave: feijoada; Portela; memória; identidade; passado.

Abstract

We analyze the agency of collective memory and the processes of reconstruction and representation of the past of one of Rio de Janeiro's main samba schools – Portela – through a commensal rite: the feijoada of the Portelense family. This rite is regularly promoted by representatives of the composers of the samba school. Several aspects that characterize this event of commensality are examined: its culinary system, its mode of organization, its affective contents, the processes of identification and corporality produced there. The procedures for data collection were: bibliographic review, semi-structured interviews and ethnography. Regarding the results, it is inferred that the process of the identity of being Portelense is a social mark of distinction whose main pillars are: memory of the past of the association, that is considered full of glory and victories, and the sharing of so-called traditional practices such as events with sambas and feijoadas.

Key-words: feijoada; Portela; memory; identity; past.

Introdução

Segundo Lévi-Strauss (1976), é um truísmo que todas as sociedades humanas estão inseridas na história e que mudam constantemente. A reflexão intelectual deveria, então, ser conduzida por viés menos evidente, ou seja, procurar entender o



motivo pelo qual alguns grupos aceitam de bom grado essa condição comum às coletividades humanas, fazendo da história o motor de seu progresso cultural, enquanto que outros tentam anular a consequência de fatores históricos sobre sua continuidade. Assim, a apreensão da forma como as diferentes sociedades lidam com a passagem do tempo seria essencial para compreendê-las, já que as representações que fazem de si mesmas é parte de suas realidades. Seguindo essa reflexão, Lévi-Strauss (1976) classifica como *sociedades quentes* aquelas que tomam o partido da diacronia, admitindo, pois, que os acontecimentos se sucederiam linearmente uns depois dos outros. Por outro lado, aquelas que criam instituições e sistemas para limitar os efeitos da história sobre si são denominadas de *sociedades frias*. Estas, além de procurar domar a história, fazem com que a diacronia não vá de encontro à sincronia (Lévi-Strauss, 1976, p. 262).

Lévi-Strauss (1976) afirma ainda que os sistemas rituais seriam os mecanismos privilegiados usados pelas sociedades frias para integrarem e sobreporem possíveis oposições entre diacronia e sincronia. Os ritos permitiriam que tais sociedades superassem as disjunções entre o tempo reversível e o irreversível, entre o passado e o presente (Durkheim, 1912/1989).

Transpondo essa supracitada discussão a para Brasil, Da Matta (1997) afirma que a nossa sociedade é marcada por uma dimensão histórica dominante, de forma que o eixo temporal estaria sempre em primeiro lugar. Esta assertiva é relativizada, quando o autor chama a atenção para as situações que buscam subjugar a história, como seriam os casos dos dias santos, dos feriados patrióticos e do Carnaval. Assim, mesmo numa sociedade como a brasileira, marcada pela existência histórica, podem ser encontrados diferentes grupos sociais que procuram situar-se ao longo ou fora do tempo. Nesses casos, para Da Matta (1997, p. 29), não se trata de negar que, por exemplo, o Carnaval e demais feriados tenham uma história, mas de afirmar que essas manifestações rituais trazem em seu bojo uma ideologia que tende a recusar a passagem do tempo.

No caso do Grêmio Recreativo Escola de Samba Portela, nossos dados coletados indicam que os portelenses, como são nomeados os torcedores dessa escola de samba, teriam deixado, em certa medida de *tomar o partido da história*, passando a valorizar o que lhe permitem atenuar os efeitos da passagem do tempo. Em outras palavras, a preocupação em valorizar a memória de fatos passados da Portela é um sentimento permanente entre diversos segmentos portelenses, principalmente os atrelados à Velha Guarda da agremiação. As comemorações coletivas de eventos, como feijoadas, a data da fundação da escola e as homenagens aos padroeiros da agremiação atuam no sentido de criar entre esses aficionados um sentimento de continuidade e de identidade do ser portelense através do tempo.



Neste artigo, procuramos compreender um ritual festivo de comensalidade chamado feijoada da família portelense como um processo psicossocial que agencia ao mesmo tempo a reconstrução da memória coletiva dessa agremiação carnavalesca e propicia o fortalecimento da identidade portelense.

Procedimentos Metodológicos

É importante frisar que a coleta e a análise de dados que permitiram a construção deste artigo foram baseados em três procedimentos metodológicos, a saber: etnografia, entrevistas e revisão bibliográfica. A etnografia seguiu, dentro do possível, as lições clássicas de Geertz (1989), que propunha uma prática de trabalho de campo em que o investigador descreve de forma mais densa possível toda a realidade cultural captada pela sua observação participante. Em termos temporais, a etnografia foi empreendida entre os anos de 2014 a 2018, em participações sistemáticas de eventos organizados na quadra da Portela no período de julho a fevereiro, principalmente a feijoada da família portelense. Também seguindo os preceitos etnográficos de Clifford Geertz (1989), escolhemos os informantes iniciais para auxiliar-nos como intérpretes dessa produção psico-cultural em questão. Esses informantes formavam um grupo intitulado de Portelaweb, composto por amigos que criaram um *site* para homenagear a Portela. Esse grupo de torcedores me forneceram as primeiras entrevistas, cuja perguntas centrais eram: o que é ser portelense? Qual o significado da feijoada para a construção da identidade portelense? Qual a relevância da memória do passado para a Portela?

Aproveitamos o ensejo para acrescentar que esse mesmo grupo de aficionados ainda forneciam interpretações sobre os diversos significados e símbolos presentes nos eventos promovidos pela escola. No entanto, acima de tudo, é necessário frisar que esses informantes nos indicaram aquilo que Bosi (1994) provavelmente nomearia de os "guardiões da memória" da Portela: os membros da Velha Guarda. Seguindo esse conceito caro a Eclea Bosi (1994), passamos a entrevistar, em suas próprias residências, os idosos e idosas que compunham a Velha Guarda da Portela, cuja função social essencial é: "ser os 'guardiões' das tradições e do passado da agremiação". Tais entrevistas transformaram-se em depoimentos, cujos principais fragmentos são apresentados ao longo do artigo.

No tocante à revisão bibliográfica, optamos por uma diálogo interdisciplinar entre as literaturas antropológicas e psicossociais. No caso específico da revisão antropológica, rastreamos conceitos importantes para essa área de conhecimento como: ritual, fenômeno social total, sistemas culinários e corporalidade. A definição e o uso desses conceitos serão apresentados à proporção que forem apresentados os



dados empíricos da pesquisa. No trato da produção dos saberes psicológicos, priorizamos aquela dedicada ao entendimento da memória como um fenômeno atravessado por marcas sociais e coletivas. Nesses termos, compartilhamos, por exemplo, os ensinamentos de Halbwachs (1950/2004) e Bartlett (1932/1995) de que a memória humana não é produto de um esforço individual, mas uma produção partilhada, cujos recursos de funcionamento são proporcionados pela sociedade e pela cultura. Todavia, não podemos deixar de mencionar o aprendizado deixado por Celso Sá (2007, p. 291), qual seja: “apesar de a memória ser um atributo da sociedade, em última instância, são as pessoas que se lembram”.

Por fim, é mister ressaltar no decorrer de nossa reflexão empregamos a noção de reconstrução da memória, concebida a partir da obra de Paul Ricoeur (2008) “Memória, História e Esquecimento”. Embora, esse autor não use especificamente a categoria *reconstrução*, utilizamo-na analiticamente para ressaltar que qualquer operação de recordar o passado implica inelutavelmente esquecer-se de algo, já que a memória é eminentemente seletiva. Nessa ótica, ao descrevermos efetivamente o que os portelenses priorizam para ser lembrado no que tange à forma pela qual a feijoada da família portelenses se relaciona com o passado da agremiação, não podemos deixar de compreender que se trata de reconstruções que evocam situações ou personagens consideradas importantes para eles, ao passo que outras são seletivamente ou propositalmente esquecidas.

Feitos esses esclarecimentos introdutórios e metodológicos, o artigo segue com a seguinte estrutura: um item explicando a origem da feijoada da família portelense como um ritual; posteriormente um tópico acerca da memória e dos processos de construção de identidade desencadeados pela eficácia ritual desse referido evento. Aqui detalhamos densamente esse rito de comilança coletivo. Por fim, apresentamos as considerações finais desse artigo.

A feijoada e a reconstrução da memória coletiva portelense

Tratar da feijoada da família portelense necessariamente exige trazer à baila dois aspectos relevantes da forma como esse segmento social constrói sua identidade coletiva, quais sejam: o enaltecimento da Velha Guarda Show da Portela e as representações positivadas acerca do passado da referida agremiação carnavalesca.

A narrativa mítica de fundação desse grupo musical é a gravação, em 1970, do LP *Portela Passado de Glória: a Velha Guarda da Portela*, produzido por Paulinho da Viola (Rodrigues Júnior, 2009, p. 323). Em depoimento ao filme *Mistério do Samba*, esse cantor e compositor revela sua motivação para ajudar a fundar esse grupo musical: “Quando cheguei à Portela, ouvia sambas de terreiro que não haviam sido



gravados e por isso estavam se perdendo no tempo e na memória. Aí, decidi escolher alguns compositores e selecionar as mais belas canções para serem gravadas” (Buarque de Holanda, Jabor, 2008). Com efeito, o propósito de criação desse grupo musical foi reunir pastoras¹ e compositores afamados da agremiação que se autodenominavam como ‘da antiga’.

Quanto à memória do chamado passado glorioso da Portela, vale dizer que ela é reconstruída de forma mítica pelos aficionados por essa agremiação carnavalesca. Em outras palavras, o passado da escola é representado como um período pleno de vitórias, de sambas inesquecíveis e de felicidade para os portelenses. No entanto, esse passado considerado de glórias, no qual a Portela foi classificada de Majestade do Samba, contrastou com um momento em que a agremiação não venciam um campeonato desde 1980². Esse distanciamento das vitórias e várias crises internas colocavam a Portela em uma posição simbólica desfavorável em relação a uma parcela das agremiações carnavalescas concorrentes.

A agremiação, até 2003, vivia uma espécie de períodos sazonais bem distintos. Na entressafra carnavalesca – março a julho – a quadra da Portela, o Portelão, encontrava-se esvaziada com raros acontecimentos sociais em suas dependências. Nesse período, aconteciam reduzidos eventos organizados pela direção da escola, como a festa dos dias das mães e o de aniversário da Portela. Durante os finais de semana, a quadra era alugada para as festas dançantes de *funk*, aos sábados, e de baile charme, aos domingos. No segundo semestre até a data do carnaval, o Portelão ficava prioritariamente reservado aos eventos carnavalescos: grito de carnaval, ensaios das alas de comunidade e a escolha do samba-enredo.

Visando congregar os portelenses, em uma época do ano em que o mundo do samba ainda não vive intensamente os preparativos do carnaval vindouro, os componentes da Velha Guarda Show da escola resolveram promover uma roda de samba mensal, todo o primeiro sábado, que ficou conhecida informalmente como *feijoada da família portelense*. Em uma oportunidade da coleta de dados, entrevistamos Tia Surica³, em sua residência em Madureira, enquanto ela coordenava os preparativos para a realização de mais uma feijoada. Fragmentos de suas lembranças possibilitam identificar os propósitos para a organização dessa prática de comilança na Portela:

A ideia da feijoada começou de uma maneira até imprópria... Há muito tempo estava tendo um debate: Eu, Áurea, Marquinhos de Osvaldo Cruz

¹ Pastora é uma categoria nativa usada para designar as mulheres que participam do canto coral das escolas de samba.

² A agremiação só voltou a vencer um campeonato em 2017.

³ Tia Surica está na Velha Guarda Show desde 1980, onde desempenha o papel de liderança entre as pastoras desse grupo musical.



e Cristina. Nunca ninguém tomava uma iniciativa. Aí, no sepultamento do Argemiro, vai fazer quatro anos... Decidimos: vamos fazer um movimento para agitar a Portela? Ela está sempre parada igual um gigante adormecido... Vamos fazer uma feijoada da Velha Guarda para resgatar as glórias da família portelense? Ficamos combinando. A Cristina levou a ideia para o então presidente Carlinhos (Maracanã) que aprovou... Aí fazemos a inauguração... Inclusive, era eu, a Doca, a Áurea e a Eunice que fazíamos a 'vaquinha' para comprarmos o material da feijoada... Graças a Deus, é isso que está você está vendo, pois agora está bombando... Começamos no bar da Tia Vicentina com duzentas ou trezentas pessoas... A feijoada é uma tradição... E eu queria deixar bem claro que era uma continuidade da ideia de Tia Vicentina e inclusive há até aquele samba de Paulinho da Viola: 'provei do famoso feijão da Vicentina só quem é da Portela sabe que a coisa é divina!' Nós demos a continuidade para que o nome dela não caísse no esquecimento... Tanto que a feijoada leva o nome dela... Tia Vicentina fazia a feijoada. A Portela nos deu a oportunidade e nós continuamos.

Algumas categorias nativas e expressões trazidas à baila pelas lembranças de Tia Surica merecem destaque. São elas: resgatar, continuidade, feijoada como tradição, não cair no esquecimento. Na ótica nativa, o despertar da Portela, um gigante adormecido, seria possível através de um evento de comilança – uma feijoada – que resgataria as glórias portelenses. Nessa direção, em primeiro lugar, a narrativa de origem dessa feijoada explicita que sua legitimação como tradicional decorre dos vínculos mnêmicos estabelecidos com o passado da agremiação.

Transpondo o entendimento êmico para o plano da reflexão teórica, a realização recorrente dessa feijoada permite remeter a aspectos da relação entre homens e a alimentação, um tema caro a diversas ciências humanas. Conforme aponta Gonçalves (2002), os estudos sobre alimentação podem assumir dois caminhos. Um primeiro tomava a fome humana como um dado natural, entendendo o alimento em seu aspecto meramente nutricional. Um segundo abordaria a experiência socialmente construída de valorização do paladar como um instrumento de identificação cultural, visto as sociedades elegerem determinados alimentos para seu consumo em detrimento de outros.

No mesmo artigo, Gonçalves (2002) reflete ainda sobre o conceito de *sistemas culinários*. Estes englobariam elementos constitutivos que incluem: processos de obtenção, seleção e preparação de alimentos; saberes culinários; modos de apresentar e servir os alimentos; técnicas corporais necessárias ao consumo de alimentos; as situações sociais e as hierarquias em que as refeições são servidas; as classificações do paladar e das comidas principais e complementares etc. Além disso, os sistemas culinários sugeririam sempre sociabilidades e cosmologias.

Por sua vez, Da Matta (2001) sugere que a culinária nacional valoriza a mistura de alimentos cujas bases estruturais estariam pautadas em princípios relacionais.



Nessa direção, apreciando a comida cozida e os molhos que permitem a passagem entre o líquido e o sólido, a cozinha brasileira possibilitaria problematizar as hierarquias e as gradações sociais.

Abordando especificamente os significados sociais atribuídos à feijoada no Brasil e nos Estados Unidos, Fry (2001) assinala que os sentidos dos pratos de comidas nunca são universais, mas imputados por sistemas culturais específicos. No caso brasileiro, a feijoada era, no século XIX, comida de negros, sendo gradualmente incorporada como símbolo de nacionalidade. Segundo Cascudo (1983), uma das questões centrais de cunho psicossocial sobre a feijoada é compreender como uma refeição inicialmente consumida por grupos étnicos e sociais dominados foi escolhida pelos produtores de símbolos nacionais e da cultura de massa para representar o Brasil.

O supracitado conceito de sistema culinário e a perspectiva relativista dos sentidos culturais dos alimentos foram instrumentos essenciais na análise da feijoada da família portelense. No entanto, um ponto de reflexão relevante foi a ideia maussiana de *fenômeno social total*, haja vista essa feijoada sobrepor, concomitantemente, elementos memoriais, míticos, econômicos, institucionais, sociológicos, corporais, entre outros.

Do mesmo modo, empreguei algumas teorias sobre ritos como ferramentas de análise, posto também entender a feijoada da família portelense como um amplo processo ritual (Turner, 1974). Tratando-se especificamente de um rito de comensalidade⁴ envolvendo músicas e inserida em uma temporalidade estrutural pelo seu caráter repetitivo, a feijoada da família portelense faz apelo direto aos sentidos humanos, particularmente à audição, ao paladar e ao olfato.

Assim, em sua dimensão ritual, é inelutável a constatação de que a feijoada é extremamente eficaz no sentido de remeter os portelenses aos valores e às práticas vinculadas com a memória coletiva da escola. Refiro-me aqui ao pensamento de Turner (1988) sobre eficácia ritual. Em sua visão, os ritos, além de manipularem símbolos culturais, são capazes de modificar realidades. Ademais, conforme relembra Peirano (2000), a noção de eficácia dos atos sociais é originária da Escola Francesa de Sociologia, na qual se destacariam os pensamentos de Durkheim (1912/1989) e Mauss (1950/1974). A proposta durkheimiana era que os cultos seriam eficazes por se tratarem da *sociedade em ato* e por serem mecanismos simbólicos pelos quais as sociedades se recriariam e se renovariam periodicamente.

Por sua vez, Mauss (1950/1974) desenvolveu a noção de *Mana* para enfatizar a eficácia das crenças sobre as ações sociais, em que pese o fato de elas raramente

⁴ Essa categoria classificatória de ritual foi tomada de empréstimo de Van Gennepp (1977) que via na comensalidade – a ação de comer e beber juntos – uma oportunidade para a agregação social.



atingirem a consciência. Na visão de Peirano (2000), essa noção de eficácia somente voltou ao centro do debate antropológico nas décadas de 1970 e 1980 com os escritos de Turner (1988) e de Tambiah (1985), que refinou esse instrumental analítico ao conceituar os ritos como gêneros de comunicações simbólicas extremamente eficazes devido ao seu caráter performativo.

O exame da feijoada como um rito partiu das próprias significações que os portelenses lhe atribuem⁵. São eles que consideram o primeiro sábado de cada mês, dia da realização da feijoada, como um dia especial para encontrar os amigos no Portelão e para ouvir sambas de compositores portelenses. Ademais, eles próprios concebem a feijoada com um propósito autoconsciente bem definido: atualizar uma parte da memória coletiva da escola através de uma ação compartilhada que prioriza o comer e o beber juntos.

Feitas essas digressões, apresentamos doravante os elementos da memória coletiva e construção de identidade social envolvidos com a feijoada da família portelense, abordando seus planos de significação mais evidentes e a sua eficácia simbólica.

Memória e identidade em um ritual de comilança na Portela

As principais categorias empregadas pelos portelenses para descreverem e para falarem do surgimento da feijoada da família portelense são as seguintes: Velha Guarda, quintal, rodas de samba, tradição e *comidaria*. Este último termo é empregado pelos portelenses para aludirem aos eventos onde a refeição é farta.

Nessa conjuntura de sociabilidade, como lembram Vargens e Monte (2004), os quintais dos componentes da Velha Guarda Show da Portela funcionam como extensões de suas residências. Tais lugares, com jardim ou com horta, não necessariamente estão atrás das casas, mas podem estar ao lado ou à frente das residências. Para os supracitados autores, muito mais que simples ambientes físicos, tais quintais funcionam como espaços para as reuniões sociais do grupo, posto serem os ambientes onde preferencialmente são servidas as refeições e onde são discutidos e feitos os ensaios para as apresentações públicas da Velha Guarda. Os quintais mais importantes do referido grupo musical estariam localizados nas casas de Tia Surica e dos falecidos Manacea, Argermiro e Tica Doca (Vargens, Monte, 2004, p.29).

Esses quintais portelenses, a meu ver, podem ser pensados também como uma categoria intermediária entre as noções de casa e de rua propostas por Da Matta (1997), haja vista eles funcionarem, ao mesmo tempo, como um salão de visitas onde

⁵ Nesse ponto, fazemos uso das reflexões de Peirano (2006), para quem os ritos servem para identificar quais eventos os interlocutores em campo classificam como especiais ou diferentes das demais situações cotidianas.



são recebidos os convidados dos anfitriões, mas também estarem sempre abertos para quem quiser participar dos eventos ali realizados. Ademais, o fato de esses lugares, por vezes, serem cercados por pés de frutas, como mangueiras e sapotizeiros, traz em seu bojo uma simbologia da fartura de comidas que cerca os encontros sociais e as rodas de samba promovidas pela Velha Guarda Show da Portela.

Convém esclarecer que as rodas de samba são vistas internamente como propiciadoras de momentos de sociabilidade⁶, uma vez que sambistas se reúnem em círculo ao redor de uma mesa, para cantar, lembrar e compor samba. Nessas reuniões sociais, alguns sambistas ficam responsáveis pelo manuseio dos instrumentos musicais e, comumente, as mulheres se responsabilizam pela *comidaria*, os alimentos preparados em abundância e ingeridos durante a roda de samba (Moura, 2004).

Um texto produzido para o *site Portelaweb* intitulado Receita de Sucesso, de Rogério Rodrigues, enfatiza claramente a importância que os portelenses dão às rodas de samba acompanhadas por pratos de comida. Para ele, em uma roda de samba, estaria em jogo o prazer de saborear as iguarias feitas pelas mulheres e pelos mestres da arte de cantar e de cozinhar. No caso da Portela, os modos de preparar os alimentos teriam um caráter quase sagrado, ao serem reverenciados pelos antigos e novos sambistas (Receita de sucesso, 2006).

As rodas de samba acompanhadas pela fartura de comidas, realizadas nos quintais de determinados portelenses moradores de Oswaldo Cruz, são classificadas de tradicionais pelos portelenses. Seria esse tipo de roda de samba, conforme me relatou Tia Surica, que os membros da Velha Guarda Show buscavam conscientemente dar continuidade através da feijoada. Nesses termos, a categoria tradição merece alguns comentários pelo seu uso recorrente entre os interlocutores na Portela.

Em termos analíticos, a noção de tradição, conforme aponta Sahlins (2004), traz em seu bojo as discussões sobre os processos de estabilidade e de mudanças que envolvem os fatos culturais. Para o autor, a ideia de tradição não pode ser essencializada, porque as culturas estariam continuamente se transformando. Aliás, mesmo os povos considerados mais tradicionais sempre encontrariam mecanismos para incluir, de forma coerente, em seus sistemas simbólicos, objetos, pessoas e processos, que inicialmente lhes eram estranhos. Nesses mecanismos de reação ao que lhes afligem, as culturas podem fornecer respostas totalmente inesperadas, podendo criar coisas novas a partir de sua herança, de suas categorias sociais e de suas visões de mundo. Assim, acrescenta Sahlins (2004), pode haver continuidade na

⁶ Uso essa categoria na acepção de Simmel (1983) para quem a sociabilidade seria um específico tipo de relação social em que prevalece o lado lúdico e descontraído.



mudança ou a tradição encontrar seu espaço na modernidade. Quando a noção de tradição é reificada, ela pode simplesmente indicar uma resistência cultural às transformações trazidas com o tempo ou uma prática resguardada em algum lugar distante do passado (Gonçalves, 2008).

Nessa linha de raciocínio, o estudo de Hobsbawm (1997) sobre as *tradições inventadas* é significativamente difundido entre os pesquisadores de fenômenos psicossociais. Em sua ótica, uma tradição considerada antiga pode ser recente e mesmo inventada. Isso ocorre, porque certas práticas podem transformar-se em normas de comportamento e em valores tradicionais por meio da repetição, implicando a construção de uma continuidade artificialmente construída com o passado. Além disso, uma tradição inventada pode usar elementos antigos da história de um povo para fins novos e originais. O interesse pelo estudo da invenção de tradições, insiste o autor, derivaria das tentativas das sociedades ocidentais de estruturar aspectos da vida social como imutáveis, a fim de contrastarem com as constantes mudanças e inovações do mundo moderno. Após a Revolução Industrial, as tradições inventadas poderiam ser classificadas em três categorias: a) aquelas simbolizando a coesão social ou as condições de admissão em um grupo; b) aquelas legitimando instituições e relações de autoridade; c) aquelas impondo ideias, comportamentos e sistemas de valores (Hobsbawm, 1997, p. 17).

Do mesmo modo, na visão de Gonçalves (2008), não se pode perder de vista que o conceito de *tradição inventada* tem seu rendimento analítico esmaecido quando forçosamente empregado na interpretação de situações em que seu uso não é justificável. No seu entendimento, a tradição inventada, tal qual concebida por Eric Hobsbawm, se pautaria sobremaneira no viés ideológico da cultura. Assim, a utilização desse conceito seria mais profícua nas análises voltadas para cultos e cerimônias oficiais formalizadas pelas instituições constituintes de Estados Nacionais. Nessas práticas, o plano ideológico ganharia maior expressão e as tradições inventadas atuariam construindo campos políticos. Além disso, a autora observa que a noção de *invenção de tradição* pode ter consequências negativas, quando usada como uma constatação prévia de qualquer pesquisa, ou quando é artificializada, opondo-se à força criativa das manifestações culturais (Gonçalves, 2008).

Partindo das ponderações de Sahlins (2004) sobre o lugar das práticas tradicionais na contemporaneidade, Gonçalves (2008) sugere que o viés ideológico seria apenas mais um dos planos de significação possíveis das formas de expressão da cultura, portanto nem sempre único e nem o mais evidente. Aliás, as tradições seriam sempre contextuais e referidas a múltiplos níveis de sentido. Os estudos das situações tradicionais no seio das sociedades complexas contribuiriam para desfazer as imagens e representações reificadas de tradição (Gonçalves, 2008). Na seara dos



significados polissêmicos e contextuais nos quais estão imbuídas as práticas tradicionais, cabe ainda mencionar as reflexões de Cavalcanti (2001), para quem as tradições estão inseridas no fluxo histórico, logo, elas são criadas, desfeitas e transformadas a partir de relações sociais específicas. E mais, os próprios processos populares elaborariam e interpretariam suas noções de tradição. Nessa perspectiva, cada contexto cultural empregaria a categoria tradição dentro do seu próprio universo de relações e valores (Cavalcanti, 2001).

Voltando a reflexão para nosso objeto empírico a partir do debate teórico anterior sobre tradição, questionamos: quais são os sentidos de tradição revelados e acionados na feijoada da família portelense?

Para Buscacio (2009), na década de 1970, segmentos da ala de compositores da Portela se diziam defensores do samba tradicional e autêntico. Cabe dizer que dois dos principais representantes desse discurso tradicionalista foram os cantores e compositores Candeia e Paulinho da Viola, o idealizador da Velha Guarda Show da Portela conforme já apontado. Em termos psicossociais, como assinala Rodrigues Júnior (2009), este grupo musical constrói imagens e representações de si marcadas pelas noções de tradição, autenticidade e pureza, sem que seus integrantes deixem de atuar individualmente na construção de carreiras como músicos e cantores. Tais representações reforçariam o papel dos compositores como principais defensores dos elementos percebidos como autênticos na Portela.

Assim, a feijoada da família portelense já teria nascido como tradicional, pelo fato de ela ser promovida por aqueles considerados, tanto pelos portelenses quanto pelo público mais amplo do mundo do samba, como os mantenedores e continuadores da tradição e da memória coletiva da escola. A propósito, a Velha Guarda Show da Portela, cujos integrantes se incluem entre os sambistas mais antigos da escola, desempenharia uma função social semelhante a que as sociedades complexas atribuem às pessoas da terceira idade: os papéis de guardiões da memória de eventos passados (Lins de Barros, 2007; Bosi, 1994; Alves, Ericeira, 2017).

Nessa direção, os valores de tradição, quando associados especificamente à feijoada na Portela, estão relacionados com as memórias coletivas de fazeres e saberes específicos, cujos responsáveis pela preservação e transmissão às gerações mais novas seriam os membros daquele grupo musical. Dessa forma, uma parcela da memória relacionada com a referida feijoada pauta-se nas rodas de samba promovidas nos diversos quintais de Oswaldo Cruz e Madureira, famosos entre os portelenses e outros frequentadores do mundo do samba a partir dos anos de 1970-1980. Notadamente, outra parte da memória coletiva da feijoada na Portela refere-se ao sistema culinário pelo qual ela se realiza, abrangendo, entre outras coisas, os



modos pelos quais Tia Vicentina⁷ selecionava e preparava os alimentos constituintes do referido processo ritual.

Um elemento identitário desse sistema culinário é a divisão de trabalhos entre homens e mulheres. Os primeiros ficam responsáveis pela compra dos ingredientes e das bebidas e pela arrumação das mesas e da aparelhagem do som; às mulheres, cabem os afazeres da cozinha. Conforme me revelou Tia Surica, aquelas ficam encarregadas em aprontar e em servir a feijoada, procurando seguir *ao pé da letra as maneiras* pelas quais Tia Vicentina manuseava e condimentava o feijão, a farofa, a couve, o arroz e os pedaços de porco. As preocupações com a limpeza dos pratos, dos talheres e das roupas das cozinheiras, exigências de Tia Vicentina, também se integram no processo de organização da feijoada.

Reiteramos que a feijoada na Portela é concebida, na ótica êmica, como uma comemoração tradicional por ela indicar, entre outras coisas, a permanência, ao longo do tempo, das rodas de samba promovidas pela Velha Guarda Show. No entanto, se compararmos à atual feijoada com as antigas rodas de samba dos quintais de Oswaldo Cruz, é clara a incorporação de inovações nessa contemporânea prática de comilança. Nas narrativas referentes ao passado da Velha Guarda Show da Portela, as rodas de samba aparecem marcadas pela informalidade e pelo aspecto lúdico e acolheriam basicamente os compositores e sua rede de relações sociais: amigos, vizinhos e familiares. Por sua vez, a atual feijoada da família portelense é um rito institucionalizado, organizado dentro de uma quadra de escola de samba, com um caráter não apenas de produção de sociabilidade, mas também comercial.

Essa institucionalização implica ainda dizer que a feijoada da família portelense segue formalidades em sua organização, no que tange à hora de abertura dos portões do Portelão, à disposição dos lugares reservados aos diferentes participantes da feijoada, e aos pronunciamentos do presidente da agremiação que, amiúde, antecedem a apresentação da Velha Guarda Show.

Essa feijoada completou em 2019 dezesseis anos desde sua primeira edição. De acordo com um dos informantes na pesquisa de campo, o público inicial das primeiras feijoadas era restrito aos portelenses e não ultrapassava a soma de cem pessoas. O sucesso alcançado na mídia despertou a curiosidade e o interesse do grande público. Na atualidade, no primeiro semestre, duas a quatro mil pessoas participam da feijoada, cifra gradativamente aumentada com a proximidade do carnaval. Nos meses de janeiro e fevereiro, o público estimado na feijoada é de seis mil pessoas.

⁷ Vicentina do Nascimento nasceu em 1914 e faleceu em 1987. Era solteira e irmã de Natal da Portela, presidente da escola por trinta anos. Ela trabalhou em diversos setores da escola, mas se consagrou como uma cozinheira de 'mão cheia'. Suas receitas principais seriam a sopa, o bobó de camarão e feijoada (Vargens, Monte, 2004).



No dia de feijoada, as filas começam a se formar por volta de meio-dia na entrada da quadra da Portela. As filas são marcadas por uma intensa sociabilidade, pois comumente os presentes conversam alegremente entre si. Ali, os sujeitos vão apresentando seus conhecidos aos amigos recém-conquistados, convidando-os para sentarem-se próximos, ou sugerindo para encontrarem-se novamente na feijoada do mês seguinte. A abertura dos portões acontece por volta de 14 horas. Frequentemente, há um célere movimento daqueles que esperavam na fila em direção ao interior da quadra. O objetivo comum é conseguir sentar-se o mais próximo possível do palco central do Portelão.

Antes da apresentação da Velha Guarda, são tocadas eletronicamente músicas de cantores e compositores de samba. Os anfitriões da feijoada somente começam a cantar por volta das dezesseis horas. Sua apresentação está dividida em duas partes. Na primeira, os componentes desse grupo musical apresentam suas canções mais conhecidas, bem como aquelas de falecidos compositores portelenses. A segunda parte da feijoada é dedicada aos cantores convidados, que podem receber prêmios, placas de condecorações ou elogios sobre suas trajetórias musicais. Os convidados variam dos mais conhecidos cantores da Música Popular Brasileira, como: Marisa Monte, Alcione, Mariene de Castro e Leci Brandão, bem como os que estão iniciando carreiras artísticas como solistas. Há um intervalo entre a primeira e segunda parte do show para o descanso vocal dos componentes da Velha Guarda Show. Nesse ínterim, os presentes podem circular mais livremente pelo interior da parte coberta da quadra, que permanece lotada durante a apresentação das canções. Por vezes, durante o intervalo, são anunciados publicamente os aniversariantes, os artistas, os esportistas e os agentes políticos que visitariam a Portela naquela ocasião.

As conversas e trocadilhos durante a feijoada giram, amiúde, em torno dos desfiles da Portela, seja uma observação relacionada ao último desfile, seja um comentário acerca de uma novidade para o carnaval seguinte. Convém destacar que muitos frequentadores, apesar de dividirem o mesmo ambiente e compartilharem laços afetivos pela escola, não se conhecem pessoalmente, mas se reconhecem em sua quase totalidade como torcedores da Portela, constituindo, assim, o que eles classificam de grande família portelense.

É oportuno também frisar que na feijoada da família portelense, a categoria família é usada reiteradamente com múltiplos sentidos. Em uma perspectiva abrangente, a *família portelense* congregaria todos os sujeitos aficionados ou simpatizantes da Portela, conforme me relevou um dos frequentadores da escola: “a *família Portelense é formada por todos que amam a Portela, não importando sua idade ou onde moram*”. Nessa ótica, o critério de inclusão social à *família portelense* seria notadamente afetivo: basta ser torcedor da escola. A noção de *família*



portelense também é acionada para se referir à sociabilidade no Portelão, que busca relembrar um clima pessoal e intimista. Nesse processo, a quadra da Portela é simbolizada como uma extensão das casas dos portelenses, posto prevalecer um clima de afabilidade e tranquilidade, tal qual nos contar outra entrevistada:

A Portela tem outra coisa... Nos dias de evento, aquilo fica entupido e não sai uma briga... As pessoas falam aí fora: "Não consigo entender! Não há uma briga, não há uma discussão, não sai nada". Em outros lugares, ouvi dizer que sai briga com tiros. É por isso que as pessoas gostam de vir na Portela. Você vê, ali tem famílias inteiras... Eles festejam aniversário na escola. Eu acho que a escola prima por isso.

Interpretando esse sentido da noção de família portelense pela categoria sociológica de *casa*, tal como sugerida por Da Matta (1997), é possível entender o Portelão como um local de *moralidade* e de respeito às regras sociais da boa convivência (Brandão, 1989). Essa valorização pela moralidade no Portelão pode ser explicitada em um fato acontecido em uma feijoada da qual participamos. Um turista francês havia perdido sua bolsa de documentos nas dependências da quadra. Ele dirigiu-se ao palco, explicando aos diretores da agremiação o que havia acontecido. A locutora rapidamente solicitou ao microfone que os documentos fossem devolvidos, pois, como ela afirmou: *'na família portelense não havia espaços para isso: todo portelense é honesto'*. É dispensável narrar minúcias do acontecido, porém meia hora depois, um dos componentes da Velha Guarda Show comemorava a devolução da bolsa ao turista.

Talvez por remeter a esse clima de sociabilidade e de moralidade durante as feijoadas, a *noção de família* seja mais acionada durante esses ritos comensais do que nos ensaios comerciais de quadra. Aliás, objetivando reunir os portelenses para celebrar a existência da Portela e cantar os sambas dos compositores da agremiação, a *feijoada da família portelense* está associada à *interioridade social* da escola, ainda que torcedores de outras agremiações e pessoas não ligadas necessariamente ao mundo do samba possam frequentá-la. Um dado relevante observado em campo é que muitos portelenses, assíduos ou esporádicos participantes da feijoada, não se dispõem a desfilar pela Portela. Seus principais objetivos é, como integrante da *família portelense*, desfrutar o ambiente de sociabilidade possibilitado por essa roda de samba.

Vale acrescentar que diferentemente da *noção de família* associada a critérios morais e afetivos, alguns portelenses restringem o conceito de *comunidade da Portela* aos que habitam nos limites territoriais dos subúrbios de Madureira e Oswaldo Cruz. Tal esclarecimento nos é dado por um frequentador da quadra: *"A comunidade da escola é aquela que mora dentro de Oswaldo Cruz e Madureira, aí forma a*



comunidade... Já a família portelense, há pessoas que moram em Botafogo ou na Tijuca... E vêm torcer pela Portela". Convém registrar, porém, que, por vezes, a ideia de *comunidade* pode ser acionada não se pautando em critérios estritamente geográficos. Isso acontece quando ela é vinculada ao *contexto do carnaval*, da disputa festiva existente nos desfiles. Nesse sentido, a *comunidade* abrangeria tanto os participantes efetivos dos eventos carnavalescos da Portela, quanto englobaria os foliões das *alas de comunidade* da escola, cujos critérios de inclusão são a presença regular na quadra, morando ou não em Madureira ou Oswaldo Cruz. Embora os componentes das *alas de comunidade* sejam, em sua maioria, portelenses, ser membro de uma dessas alas independe do fato de ser ou não torcedor da Portela. O objetivo primordial é receber fantasias gratuitamente para brincar o carnaval, conforme nos narra uma diretora da escola:

A comunidade é uma ala que não paga a fantasia e eles querem fazer uma separação, mas não há separação. Um critério seria morar perto da Portela e ser portelense, mas nem sempre é assim, pois tem gente que não é portelense, mas sai... Eles devem frequentar os ensaios com assiduidade. Porém, se exige muita coisa... Eles não podem beber.

Nesses termos, é possível discernir os participantes da feijoada da família portelense em seis categorias de participantes: os *segmentos formais da escola* (Velha Guarda, presidente, diretores de ala e de harmonia, baianas, casal de mestre-sala e porta-bandeira, componentes de ala); a *mão-de-obra da feijoada* (trabalhadores da cozinha, dos bares, da butique e seguranças); os *torcedores* da Portela (desfilantes ou não) oriundos de diversos bairros da cidade ou mesmo vindo de outras regiões brasileiras, que não pertencem aos quadros efetivos da escola; os *convidados*; os *visitantes* de outras escolas de sambas e os *turistas* que se dirigem ao Portelão para conhecer uma escola de samba carioca e para desfrutar momentos de lazer na interação com a *família portelense*.

Nas feijoadas, apenas os *segmentos da escola* e os *convidados* têm suas mesas reservadas e previamente identificadas. Aos primeiros, são destinadas as mesas dispostas mais próximas do palco. Por seu turno, os convidados da Velha Guarda Show e da presidência da agremiação ficam à esquerda do palco, separados do restante do público por divisórias de ferro. A disposição dessas divisórias cria uma espécie de recinto fechado dentro da quadra, supervisionado por seguranças observando quem entra e sai do local. Os convidados dispõem ainda de dois ou três garçons responsáveis por lhes servir a feijoada e as bebidas. Os demais participantes se acomodam em pé ou junto às mesas e cadeiras não reservadas.

Os portelenses acreditam que, em decorrência de a feijoada ter alcançado um relativo sucesso de público e de críticas, outras escolas de samba teriam se inspirado



na Portela e começaram a organizar feijoadas comerciais em suas quadras, como a Mangueira, o Império Serrano, o Salgueiro e a Mocidade Independente de Padre Miguel. No entanto, convém dizer que os portelenses conseguem identificar alguns traços distintivos da feijoada da família portelense das demais realizadas por outras agremiações. Primeiro, ela seria a única promovida por integrantes de uma Velha Guarda, enquanto as demais seriam animadas por grupos de pagode e cantores profissionais de samba. Segundo, a feijoada na Portela seria a mais autêntica entre todas por ser preparada e servida pelas baianas da agremiação, enquanto as outras contratariam *buffets* ou restaurantes profissionais para gerenciar o preparo e o consumo dos alimentos. Terceiro, a referida feijoada criaria um sentimento de pertencimento à Portela. Estes vão ao Portelão para comer e beber abundantemente, mas, sobretudo, para reforçar e celebrar com outros aficionados os vínculos ancestrais e afetivos com a escola.

Esse sentimento de identidade coletiva criado pela feijoada decorre também do compartilhamento do já mencionado saber culinário. Os portelenses não vão à quadra da escola para saborear um prato nacional: a feijoada. Esta, na Portela, assume uma acepção intimista e distintiva, posto, parodiando Paulinho da Viola, *só quem é da Portela sabe quão famoso é o feijão da Vicentina*. Aliás, as diversas receitas de Tia Vicentina seriam atemporais para os portelenses. A atualização do cheiro do tempero do seu feijão remeteria aos tempos em que aquela considerada cozinheira de mão cheia comandava a cozinha no Portelão.

Acrescentaríamos ainda que acompanhando durante quatro anos a realização da feijoada na Portela, descobrimos que alguns componentes da Portela são classificados internamente de *grandes portelenses*, como são os casos do compositor Paulo da Portela, da cantora Clara Nunes e de Tia Vicentina. Conversando informalmente com alguns interlocutores sobre este assunto, eles nos revelaram uma de suas crenças: os *grandes portelenses*, quando morrem, passam a habitar a morada dos deuses. Aliás, de certa forma, na concepção nativa, alguns *grandes portelenses* tornaram-se eles mesmos mais do que antepassados da atual geração de torcedores da agremiação, tornaram-se seres divinos.

Esse dado sobre a visão coletiva acerca de certos *grandes portelenses* viabilizou-me interpretar com mais propriedade outros aspectos identitários que perpassam a Portela e sua feijoada. Primeiramente, cabe sinalizar a existência de uma narrativa que concebe a criação dessa escola de samba como uma graça do Espírito Santo. Na pesquisa de campo, ouvimos diversas vezes que o próprio Deus cultuado pelos católicos seria portelense, visto ter criado o céu com as cores da escola: azul e branco. Além disso, jocosamente os portelenses brincam que Deus não permitia chover nos



dias de feijoada. Ele quase sempre *presentearia o show da Velha da Guarda com belos dias de sol*.

Ademais, na nossa observação participante das feijoadas e de outros eventos portelenses, identificamos que os portelenses sempre levantam às mãos para o alto nos trechos de samba em que o nome da Portela é mencionado. Este gesto seria inconsciente e significaria uma visão da Portela como uma entidade divina, acima dos humanos, logo a reverência a ela deveria ser voltada para o céu⁸.

Não poderíamos findar de falar sobre a feijoada da família portelense sem comentar as experiências de corporalidade que lá acontecem. Nesse aspecto, vale novamente recordar Mauss (1950/1974), para quem os homens se servem dos seus corpos de modo os mais distintos possíveis, seguindo as técnicas corporais que cada sociedade desenvolveu para andar, nadar, parir, marchar, saltar, entre outras. Na bibliografia antropológica, os significados sociais atribuídas ao corpo pelos diferentes grupos humanos são agrupados, grosso modo, nos estudos sobre as experiências de corporalidade. Conforme assinalam Seeger, Da Matta e Viveiros de Castro (1979), em certas realidades culturais, o corpo pode articular sentidos sociológicos e cosmológicos, já que é tomado como matriz de símbolos e objeto de pensamento. Sua fabricação, decoração, perfuração, resguardo ou exibição podem ser os pontos fulcrais de organização cerimonial e social, como são os exemplos de várias tribos indígenas no Brasil.

Em relação ao lugar do corpo na Portela, é recorrente ouvir nas feijoadas frases do gênero: *“um portelense que se preze deve ter orgulho de suas cores, não se pode ter vergonha de sair de casa usando roupas azuis e brancas”*. Percebemos, assim, existir incentivos mútuos para que os portelenses demonstrem nas vestimentas (no corpo) seus vínculos de afeição e de identificação com a escola. Por vezes, alguns aficionados passam a vestir no cotidiano quase que exclusivamente roupas com as cores da Portela. A fala de uma diretoria de Harmonia da escola é contumaz: *“a maioria das minhas roupas são brancas e azuis. Às vezes, uso outras cores diferentes, mas sempre uso azul e branco. Em eventos do samba, eu sempre vou de azul e branco, eu não uso outras cores”*.

No entanto, cabe esclarecer que as formas pelas quais os portelenses exibem as combinações de objetos com as cores da agremiação em seus corpos são heterogêneas. Há os que apenas usam um lenço com essas tonalidades, outros usam esmaltes, batons, brincos, bolsas, sapatos, pulseiras, em diversas nuances de azul e

⁸ Acreditamos que esse gesto pode ser inserido também na descrição do *grande gesto carnavalesco* feita por Cascudo (2003) para quem o ato de erguer os braços para o alto com as mãos abertas significa uma atitude de entusiasmo que acontece no momento de plenitude carnavalesca. Nessa direção, pode-se pensar que a citação do nome Portela, em qualquer composição, para os aficionados dessa agremiação é instante mais contagiante e eufórico da música, um momento de dádiva.



branco. Não seria temerário afirmar que essa específica experiência de corporalidade observada na feijoada da Portela pode ser estendida aos demais torcedores de escolas de samba, visto que os corpos dos sambistas são vias privilegiadas para a ostentação dos sinais diacríticos de cada escola de samba (Ericeira, 2009, Pavão, 2005).

Comentários Finais

A feijoada na Portela é ritualmente eficaz como instrumentos de identificação e de laço social. Sua alteridade resulta de ela ter já nascido com a memória do saber culinário de Tia Vicentina e das rodas de samba dos quintais de Oswaldo Cruz. Por outro lado, atualizar essa memória significa celebrar um passado percebido como comum a todos os portelenses. Estes, além de comemorarem essa memória coletiva, encontraram também na feijoada um meio simbólico para unir o passado ao presente, o humano ao divino, os vivos aos mortos, e, sobretudo, o paladar à musicalidade.

Nessa ótica, os portelenses empreenderam um estilo peculiar de fazer de sua feijoada, algo para além de simples momentos de sociabilidade. A feijoada da família portelense é a ocasião de reconstrução e de atualização da memória coletiva dessa agremiação carnavalesca.

Ademais, esse ritual de comilança reforça o sentimento identidade de ser portelense, seja pela reconstrução do passado, seja pelas experiências de corporalidade. Conforme sinalizamos, o uso do corpo na feijoada da família portelense é um objeto de distinção e identificação social. Nesse ritual, os portelenses marcam o amor pela escola em seus próprios corpos e em seus trajes nas cores azul e branco. Reiteramos ainda o papel primordial desempenhado pelo *paladar*, pelo *olfato* e pela *audição* nesse rito comensal. Sentir o cheiro e comer os alimentos preparados nessa feijoada significa comemorar uma tradição da escola, absorvendo para dentro de si mesmo uma parte da história da Portela. Ademais, esses frequentadores passam cerca de cinco horas *ouvindo* sambas de diversas temáticas e de tempos históricos distintos. É por isso que a feijoada, como ritual, é eficaz em reconstruir a memória coletiva do grupo e em fortalecer o orgulho de ser portelense.

Por fim, cabe ainda ressaltar dois pontos: esse processo de exaltação (reconstrução) do passado portelense é bastante seletivo, visto que são priorizados recordar os momentos gloriosos ou os aspectos de valorização de uma identidade coletiva, que se regozija de ser vitoriosa. As situações de ruptura ou dolorosas são 'esquecidos' ou recalçados, como diria Ricoeur (2008). Nesse processo psicossocial específico, os membros da Velha da Portela exercem, conforme sinalizamos anteriormente, o papel primordial de guardião da memória da escola, influenciando



diretamente os mais jovens sobre o que deve ser lembrado/esquecido do passado da Portela.

Referências

- Alves, R. S. & Ericeira, R. C. (2017). Histórias de Vida: experiências e reflexões de pesquisa com idosos de Volta Redonda. *Ayvu: Revista de Psicologia*, 3, 141-157. Recuperado em 31 de julho, 2019, de <http://periodicos.uff.br/ayvu/article/view/22221>.
- Bartlett, F. C. (1995). *Remembering: a study in experimental and social psychology*. Cambridge, MA: Cambridge University Press. (Original Publicado em 1932).
- Bosi, E. (1994). *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Brandão, C. R. (1989). *A cultura na rua*. Campinas, SP: Papyrus.
- Buarque de Holanda, L. & Jabor, C. (Diretores). (2008). *O mistério do samba* [DVD]. Rio de Janeiro: Videofilmes.
- Buscacio, G. C. (2009). Enquanto se luta, se samba também. As transformações no carnaval carioca nos anos 70 – o caso da Portela e da Granés Quilombo. Em M. L. Cavalcanti & R. S. Gonçalves (Orgs). *Carnaval em múltiplos planos* (pp. 277-308). Rio de Janeiro: FAPERJ; Aeroplano.
- Cascudo, L. C. (1983). *História da Alimentação no Brasil*. São Paulo: EDUSP.
- Cascudo, L. C. (2003). *História dos nossos gestos: uma pesquisa mímica do Brasil*. São Paulo: Global.
- Cavalcanti, M. L. (1998). As grandes festas. Em M. Sousa & F. Weffort. *Um olhar sobre a cultura brasileira* (pp. 293-311). Rio de Janeiro: FUNARTE/Ministério da Cultura.
- Da Matta, R. (1997). *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Da Matta, R. (2001). *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco.
- Durkheim, É. (1989). *Formas elementares da vida religiosa* (P. Neves, Trad.). São Paulo: Paulinas. (Original publicado em 1912).
- Fry, P. (2001). Feijoada e soul food 25 anos depois. Em N. Esterici e outros. *Fazendo Antropologia no Brasil* (pp. 25-38). Rio de Janeiro: DP&A.



- Geertz, C. (1989). *A interpretação das culturas* (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. (Original publicado em 1973).
- Gonçalves, J. R. (2002). A fome e o paladar: uma perspectiva antropológica. Em J. R. Gonçalves e outros. *Alimentação e cultura popular* (pp. 1-50). Rio de Janeiro: Funarte; CNFCP.
- Gonçalves, R. S. (2008). *A dança nobre no espetáculo popular: a dança como aprendizado e experiência*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.
- Halbwachs, M. (2004). *A memória coletiva* (B. Sibou, Trad.). São Paulo: Hucitec. (Original publicado em 1950).
- Hobsbawm, E. (1997). Introdução. Em E. Hobsbawm & T. Ranger (Orgs). *A invenção das tradições* (pp. 11-33). São Paulo: Paz e Terra.
- Lévi-Strauss, C. (1976). *O Pensamento Selvagem* (T. Pelegrini, Trad.). São Paulo: Nacional. (Original publicado em 1962).
- Lins de Barros, M. (2007). *Memória, gênero e geração na sociedade brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: EDUF RJ.
- Mauss, M. (1974). *Sociologia e Antropologia* (L. Nogueira, Trad.). São Paulo: EPU/EDUSP. (Original publicado em 1950).
- Moura, R. M. (2004). *No princípio, era a roda: um estudo sobre samba, partido-alto e outros pagodes*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Pavão, F. (2005). *Uma comunidade em transformação: modernidade, conflito, organização nas escolas de samba*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ.
- Peirano, M. (2000). *A análise antropológica de rituais*. Brasília: Universidade de Brasília.
- Receita de sucesso (2006). Recuperado em 21 janeiro, 2018, de <http://www.portelaweb.com.br>
- Ricoeur, P. (2008). *História, Memória, Esquecimento* (A. François, Trad.). Campinas: Editora da Unicamp. (Original publicado em 2000).
- Rodrigues Junior, N. (2009). O que faz da Velha Guarda, velha guarda? Em M. L. Cavalcanti & R. S. Gonçalves (Orgs). *Carnaval em múltiplos planos Carnaval em múltiplos planos* (pp. 309-338). Rio de Janeiro: FAPERJ; Aeroplano.



- Sá, C. P. (2007). Sobre o campo de estudo da memória social: uma perspectiva psicossocial. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20 (2), 290-295. Recuperado em 16 de maio, 2017, de <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722007000200015>.
- Sahlins, M. (2004). *A cultura na prática*. Rio de Janeiro: EdUFRJ.
- Seeger, A., Da Matta, R. & Viveiros de Castro, E. (1979). A noção de pessoa nas sociedades indígenas brasileiras. Em J. P. Oliveira. *Sociedades indígenas e indigenismo* (pp. 66-82). Rio de Janeiro: Marco Zero/ EDUFRJ.
- Simmel, G. Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal. Em E. Morais Filho (Orgs). *Georg Simmel: Sociologia* (pp. 35-52). São Paulo: Ática.
- Tambiah, S. (1985). *Culture, thought and social action: An anthropological perspective*. Cambridge: Harvard University Press.
- Turner, V. (1974). *O processo ritual: estrutura e anti-estrutura* (N. Castro, Trad.). Petrópolis: Vozes. (Original publicado em 1969).
- Turner, V. (1988). *Antropology of performance*. New York: Performing Arts Journal Publication.
- Van Gennep, A. (1977). *Os ritos de passagem* (M. Ferreira, Trad.). Petrópolis: Vozes. (Original publicado em 1909).
- Vargens, J. B. & Monte, C. (2004). *A Velha Guarda da Portela*. Rio de Janeiro: Manati.

Nota sobre os autores

Ronald Clay dos Santos Ericeira é Professor-associado do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Doutor em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Doutor em Ciências Humanas – Antropologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail de contato: ronaldericeira@yahoo.com.br

Data de recebimento: 21/08/2019

Data de aceite: 30/05/2020